

Perspectivas para a educação superior pública brasileira: entrevista com o Prof. Dr. Luiz Alberto Pilatti

RESUMO

Sani de Carvalho Rutz da Silva
sani@utfpr.edu.br
[0000-0002-1548-5739](tel:0000-0002-1548-5739)
Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Ponta Grossa, Paraná, Brasil

Graziela Ferreira de Souza
grazielasouza@alunos.utfpr.edu.br
[0000-0001-5747-3210](tel:0000-0001-5747-3210)
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, Paraná, Brasil

Este texto tem como objetivo apresentar um panorama sobre o trabalho desenvolvido na Universidade Tecnológica Federal do Paraná e estimular reflexões sobre os desafios e enfrentamentos vivenciados na educação pública de nosso país, a partir da fala do Prof. Dr. Luiz Alberto Pilatti, Reitor desta instituição. A entrevista concedida à RBECT inaugura essa seção temática, que visa ser um espaço de discussão e reflexão sobre a Área de Ensino e Educação. Nesta primeira publicação da seção “Entrevistas”, o Prof. Dr. Luiz Alberto Pilatti apresenta sua trajetória frente a reitoria da instituição, destacando os objetivos e metas traçadas para o desenvolvimento de uma universidade de classe mundial. Na entrevista, o professor também destaca o histórico da instituição e sua característica particular como a única universidade tecnológica do país, apresentando os desafios dessa peculiaridade e a importância da consolidação identitária da instituição.

PALAVRAS-CHAVE: Educação superior. Educação pública. Universidade tecnológica. Classe mundial.

Prospects for Brazilian public higher education: interview with Luiz Alberto Pilatti, PhD

ABSTRACT

This text aims to present perspectives on the work developed at the Federal Technological University of Paraná and stimulating reflections on the challenges and confrontations experienced in public education of the country, from the speech of Luiz Alberto Pilatti, Ph.D. and dean of this institution. The interview given to RBECT opens this thematic section, which aims to be a space for discussion and reflection on the area of Teaching and Education. In this first publication of the section “Interviews”, the researcher Luiz Alberto Pilatti presents his career before the institution's rector, highlighting the goals and objectives set for the development of a world-class university. In the interview, the professor also highlights the institution's history and its particular characteristic as the only technological university in the country, presenting the challenges of this peculiarity and the importance of the institution's identity consolidation.

KEYWORDS: Higher education. Public education. Technological university. World-class university.

APRESENTAÇÃO

Luiz Alberto Pilatti é doutor em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), mestre em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP) e licenciado em Educação Física pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Atualmente é Professor Titular na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), onde exerce o cargo de reitor para o quadriênio 2016-2020.

Seu trabalho docente está vinculado aos Programas de Pós-Graduação em Engenharia de Produção (PPGEP) e Ensino de Ciência e Tecnologia (PPGECT) no Câmpus Ponta Grossa, onde atua como líder do grupo de pesquisa Gestão de Recursos Humanos para o Ambiente Produtivo e desenvolve pesquisas na área de formação e a gestão de recursos humanos para e no mercado de trabalho.

A frente da UTFPR como reitor desde 2016, o Prof. Dr. Luiz Alberto Pilatti concedeu a presente entrevista com o objetivo apresentar um panorama sobre a educação superior pública oferecida na instituição, apontando os objetivos e metas traçadas para o desenvolvimento de uma universidade de classe mundial. Para isso, destacou o histórico da instituição e sua característica particular como a única universidade tecnológica do país, o atual cenário enfrentado pela educação brasileira e os desafios para o desenvolvimento de uma educação universitária pública, gratuita e de qualidade.

Assim, a convite da editora-chefe da revista professora doutora Sani de Carvalho Rutz da Silva, o magnífico reitor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Prof. Dr. Luiz Alberto Pilatti inaugura a nova seção temática da RBECT. A entrevista marca o período de transformações e reestruturações implementadas na RBECT no ano de 2019, que objetivam pelo reconhecimento, visibilidade e internacionalização do periódico na divulgação de pesquisas científicas. Entre as ações do periódico, inicia-se no volume 12, número 3 a seção “Entrevistas”, destinada a ser um espaço de discussão e divulgação de perspectivas dos pesquisadores da área de ensino e educação.

Luiz Alberto Pilatti, reitor da UTFPR



(Foto: DECOM-UTFPR)

ENTREVISTA

Desde sua posse como Reitor, em 2016, quais são as diretrizes que têm orientado seu trabalho à frente da Universidade Tecnológica Federal do Paraná?

A nossa gestão, desde seu início, sempre foi voltada à consecução de um ousado e desafiador projeto: conduzir a Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) em uma universidade de classe mundial. Trata-se de um projeto de longa duração e de considerável esforço cujos fundamentos foram construídos por sucessivas gestões que sempre inovaram, pensaram na frente, sem, entretanto, romperem com o passado, tampouco desrespeitarem a história institucional – sua cultura, seus princípios, seus valores, seu legado. Este é um diferencial, uma realidade incomum, privilégio de poucas instituições, que ajuda a explicar os resultados importantes alcançados, em diferentes momentos, por uma escola concebida pelo presidente Nilo Peçanha, em 1909, para meninos filhos de pais “desprovidos de fortuna”.

Trata-se, pois, de uma trajetória escrita por decisões estratégicas e da execução de projetos estruturantes, que se consolidaram em aproximadamente duas décadas. A gênese do projeto atual foi concebida em 1959, na Escola Técnica Federal do Paraná (ETFPR), à época, a mais importante escola técnica do Brasil, e culminou com a sua transformação, em 1978, em Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET-PR). O avanço introduziu o ensino superior na Instituição, que também foi reconhecida, nos contornos da sua concepção, como a mais importante do país, e coletivamente exortou um novo sonho, materializado em inédito projeto, o da transformação em uma universidade tecnológica.

Esse projeto, idealizado e construído com toda a comunidade, teve concretude em 2005. Duas décadas depois, no início da atual gestão, é apresentada e acolhida pela comunidade a proposta da “UTFPR rumo à classe mundial”, um projeto ousado que, certamente, exigirá nosso empenho e dedicação para as próximas duas décadas. Certamente, em razão desta comunidade acadêmica, afortunadamente, não ceder às pressões motivadas por interesses alheios aos da instituição, como político-partidários, doutrinários ou ideológicos, e tão pouco ter vivenciado a destruição do que foi construído por gestões anteriores, é que se pode pensar e seguir na conquista do projeto em curso.

Hoje, a UTFPR já é reconhecida por diferentes rankings internacionais como, ao lado da Universidade Federal do ABC (UFABC), a mais importante jovem universidade brasileira, inseridas no grupo com menos de 30 anos de existência. Esse reconhecimento é, inquestionavelmente, fruto de uma história de transformações exitosas e do legado delas decorrentes.

Sendo a UTFPR a única universidade com esse perfil no país, o que representa o “tecnológico” desta instituição no contexto da educação superior?

A condição de única universidade tecnológica do Brasil dificulta comparações nacionais. Seria impropriedade nos comparar com a USP, a UFPR, a Unicamp, a UFRJ, a UFRGS ou a UFMG, porque a concepção destas instituições e seus objetivos prementes são diferentes da nossa UTFPR. A referência mais próxima, sob o viés

tecnológico, mesmo sendo um instituto militar, talvez, seja o ITA¹. Por conseguinte, a referência deve ser internacional. Do ponto de vista conceitual, inexistente um conceito aceito e congruente com as diferentes realidades nas quais estão inseridas as universidades tecnológicas mundo afora. Embora possam identificar traços comuns, constatam-se diferenças significativas na concepção destas universidades tecnológicas.

A situação é distinta das universidades clássicas, algumas, inclusive, com uma existência quase milenar. A biografia das universidades tecnológicas é bem mais recente. A primeira universidade tecnológica do mundo, a Universidade Técnica Checa, em Praga, foi fundada apenas em 1707. No final do século XIX, mundialmente existiam apenas 44 universidades tecnológicas. A legislação educacional de cada país, obviamente, configura significativamente os contornos dessas instituições. Diria, com base nas universidades que conheço, que existem universidades tecnológicas cujo perfil se alinha mais ao que designam os termos sentido lato e sentido estrito. As primeiras têm na tecnologia um meio e sua atuação acontece em diferentes campos do saber. As últimas têm na tecnologia um fim e atuam em um espectro limitado de cursos, principalmente na área das engenharias.

Evidentemente, esse constructo, embora simplista, se presta a fazer refletir sobre o ideal do que seja uma universidade tecnológica. Em consonância, percebe-se nas mais importantes universidades tecnológicas do mundo um avanço das (e para as...) Humanidades, à medida que muitos problemas, atuais e futuros, não podem ser abordados e solucionados sem que se leve em conta a gênese e a finalidade do conhecimento, tecnológico ou de outra natureza: o próprio ser humano.

Considerando esses contornos, entendo que a consolidação identitária da UTFPR é um importante desafio. Quando o docente não tem a referência do que é uma universidade tecnológica, apresenta a tendência de replicar aquilo que fez parte de sua formação em uma universidade clássica. Neste sentido, a construção e a consolidação de um modelo é vital para nosso futuro.

Ser a única tecnológica no Brasil nos transforma, necessariamente, em referência nacional e na América Latina. É algo que está longe de ser simples, trivial, para uma jovem universidade. Assim, devemos criar um lastro muito firme nos propósitos que nos criaram e manter esta constância do projeto sob o risco de perdermos o foco e, como consequência, perdermos o (e no...) projeto.

Outro aspecto que merece menção é o legal. No Brasil, a legislação não suporta aquilo que é comum nas universidades tecnológicas existentes ao redor do mundo. O exemplo mais importante, talvez, é o do regime de trabalho. Uma característica desejável num professor desta uma universidade é a atuação concomitante com o setor produtivo. A legislação brasileira, apesar de não impedir, na prática, de múltiplas formas, inviabiliza tal possibilidade. Isto posto, a crença que estamos no caminho certo, que estamos superando os desafios e que estamos construindo uma nova história, cria-nos a certeza que, seguindo este projeto, daremos concretude ao sonho desta comunidade: elevarmos nossa UTFPR à mundial.

Durante os últimos anos houve na UTFPR um grande movimento em prol da internacionalização, com o fechamento de acordos de cooperação e parceria com universidades de vários países. Qual o impacto dessa internacionalização na formação acadêmica e social dos estudantes da UTFPR?

A internacionalização é um processo complexo e que vai muito além da simples mobilidade acadêmica: de discentes e docentes. Para que a internacionalização efetivamente aconteça é necessária a presença de estudantes de outros países nos câmpus da universidade; da realização de pesquisas internacionais conjuntas com financiamento compartilhado; do desenvolvimento de projetos de pesquisas cooperativos com instituições internacionais; de parcerias internacionais no plano interno; do grau de imersão internacional no currículo, entre tantos outros.

Assim, a internacionalização não é um processo de curto prazo. É preciso, primeiro, fazer a “internacionalização em casa”. Essa internacionalização passa, entre outras ações, pela adequação de currículos; pela disponibilidade do site institucional em múltiplos idiomas; pelo uso da língua inglesa de forma mais frequente e presente nas práticas e atividades acadêmicas; pela redução e eliminação, quando possível, da burocracia; pela proteção do tempo do pesquisador; pela tradição das universidades; pelo papel estratégico da universidade frente aos desafios da nação; pelos investimentos; pela produção científica e impacto da produção acadêmica; pela carga de trabalho docente.

Apesar do muito a fazer, já registramos avanços importantes. O programa Ciência sem Fronteiras, não obstante os equívocos governamentais na sua gestão, produziu as condições para que, na UTFPR, o processo de internacionalização fosse internalizado. Já existia uma trajetória percorrida institucionalmente com o Brafitec², um excepcional programa. A UTFPR avançou com a criação de um programa concebido dentro da cooperação existente com a Universidade de Tecnologia de Compiègne (França). Em paralelo, tendo como principal parceiro o Instituto Politécnico de Bragança, ocorreu o aumento exponencial de programas de dupla-diplomação. Assim, as portas para o mundo se abriram para nossos gestores acadêmicos, docentes e estudantes.

A experiência internacional, obrigatória em muitos países europeus, produz mais que um diferencial competitivo, ela coloca o estudante em outro patamar, e este patamar está muito além da mera e simples formação acadêmica. Entendo que a experiência internacional pode significar a diferença entre disputar um espaço no mercado ou ser disputado pelo mercado, e não estou falando apenas do mercado brasileiro. Hoje, temos muitos acordos de dupla-diplomação. Entre os acordos, como com o da França, o estudante, já no primeiro período, pode se candidatar e, sendo aprovado, ir no semestre seguinte fazer parte de sua graduação na instituição parceira, obtendo também um diploma europeu.

A América Latina é, também, prioritária para a internacionalização da UTFPR. Temos vários estudantes dos países latinos em nossos câmpus e estudantes da UTFPR nas universidades desses países. Além da graduação, temos acordos de dupla-diplomação em nossos programas de pós-graduação e lançamos editais para professores visitantes e estudantes, com aumento da mobilidade internacional. O resultado deste esforço é a internacionalização dos nossos jovens cursos de graduação e pós-graduação e avanços na pesquisa e na inovação.

Compreendendo que os pilares da educação superior brasileira se pautam no tripé ensino-pesquisa-extensão, como essa aliança se desenvolve dentro da UTFPR?

Está no artigo 207 de nossa Constituição que “As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (BRASIL, 1988). Nas principais universidades tecnológicas do mundo, principalmente nas europeias, o eixo estruturante é conformado no binômio ensino e transferência de tecnologia.

A UTFPR foi concebida, enquanto universidade, com forte influência das universidades tecnológicas francesas e alemãs. Na concepção e elaboração de seus documentos, em 2005, a instituição ousou ao optar pela adoção de uma pró-reitoria finalística de Relações Empresariais e Comunitárias (PROREC). Diferentemente da totalidade das universidades brasileiras, a questão da extensão, principalmente com o viés tecnológico, na UTFPR está subordinada às relações empresariais e comunitárias. O modelo tem ligação com a figura identitária.

O estágio atual da UTFPR permite vislumbrar que avançaremos para uma pró-reitoria com contornos mais próximos do modelo europeu. Não vejo incongruências desse modelo com o preconizado em nossa Constituição. O desenho institucional deve ter ligação com o cotidiano da mesma. Vejo a transferência de tecnologia como um patamar, não mais tão distante, a ser alcançado enquanto prática institucionalizada.

Por outro lado, a indissociabilidade entre o ensino, pesquisa e extensão passa por uma série de práticas cotidianas, a exemplo de ações como a acreditação da extensão; a modernização dos regulamentos de estágios; a crescente aproximação dos Trabalhos de Conclusão de Cursos (TCCs) com os problemas reais da comunidade; o estímulo às Incubadoras e Hotéis Tecnológicos; a criação de mestrados e doutorados profissionais; entre outras.

Neste contexto, o número significativo de mestrados e doutorados profissionais, comparativamente a outras instituições de destaque no cenário nacional, reforça a ideia da universidade como tecnológica e transforma a UTFPR em referência nacional na questão da interação com o mundo do trabalho.

Considerando o contexto atual, quais são os desafios da UTFPR para atender as demandas do mercado?

Vivemos, com o perdão de Huxley³, um admirável mundo novo. As transformações ocorridas em uma década têm superado quantitativa e qualitativamente tudo que a humanidade produziu em sua história. Pela primeira vez, não podemos perspectivar, com razoável nível de acerto, o futuro do trabalho, ou ainda, quais serão as competências e habilidades necessárias para o trabalhador daqui duas ou três décadas.

Por certo, perdemos o poder de previsão do que será necessário para a próxima geração. Não é simples para uma instituição tradicional, com não mais que um século de história, como são as universidades brasileiras, acompanhar as mudanças para o tempo presente, tão pouco concebê-las para o tempo futuro.

Daqui a uma ou duas décadas haverá profissões e tecnologias que sequer imaginamos hoje.

Adicionalmente, os jovens que chegam às universidades, nativos digitais, apresentam perfil e demandas completamente distintas dos seus predecessores. E o que a universidade deve fazer? Partimos de uma premissa para construir a resposta: as universidades não conseguem acompanhar a velocidade das transformações presentes no setor produtivo.

A diferença, a meu ver, de uma ótima universidade para uma universidade mediana, reside na sólida formação básica, acrescida à riqueza de experiências acadêmicas que ela pode oferecer ao seu estudante durante seu percurso formativo. Em média, o egresso de uma ótima universidade, com uma formação sólida, rapidamente se adequará e atenderá demandas geradas por um mundo em constante e acelerada transformação. Os egressos de uma universidade ruim levarão muito mais tempo ou jamais atenderão a tais demandas.

A universidade terá de se adequar para formar indivíduos com a capacidade de continuar a aprender e de se reinventar por toda a vida. Estou falando de flexibilidade para mudar de emprego. Vivemos um tempo que é impensável formar alguém para atuar 20 ou 30 anos num mesmo trabalho ou mesmo profissão. E qual o papel das universidades neste futuro tão incerto? Penso que as universidades devem ser mais generalistas. Não adianta mais, por exemplo, ensinar aos jovens o mandarim ou a programar um computador, é preciso proporcionar-lhe uma formação que o torne mentalmente flexível e com capacidade de pensar globalmente.

Outro papel fundamental será o do retreinamento. A vantagem dos países em desenvolvimento, no século XX, era a mão de obra barata. Com a revolução da automação esta vantagem tende a sumir, e países em desenvolvimento terão mais dificuldades num cenário que será permeado pela inteligência artificial, indústria 4.0, entre outras. O retreinamento do trabalhador será imperativo. O trabalho não deixará de existir. Ele será transmudado.

Dito isto, entendo que a UTFPR está fazendo sua “lição de casa” rumo ao futuro. Destaco, para ilustrar, dois projetos: o MEI-U e o Engenheiro 3i. O MEI-U é uma metodologia de ensino que converge com o que é feito nas melhores e mais inovadoras universidades do mundo. Cito o TOM (*Twente Education Model*)⁴ Universidade de Twente (Holanda) como algo similar. O Engenheiro 3i, com foco na indústria, inovação e interculturalidade, produz diferenças para formar profissionais do futuro. Paralelo a esses exemplos, está-se promovendo em nossa instituição um forte movimento de formação docente para pensar a reestruturação dos currículos dos cursos de graduação.

Nossa graduação precisa vencer o paradigma em que se estruturou, em torno da transmissão da informação, para assumir o paradigma de criar ambientes de construção do conhecimento. Para tanto é necessário rever currículos, disciplinas, ementas, planos e metodologias de ensino-aprendizagem. É um longo caminho, mas já demos passos importantes.

Como o senhor avalia a educação brasileira, sobretudo em relação às ameaças sobre os recursos e incentivos ao desenvolvimento de pesquisas e estudos no Ensino Superior?

A redução significativa de investimentos públicos nas universidades e na Ciência, Tecnologia e Inovação, em anos recentes, tem se mostrado funesta e produzirá efeitos que só serão revertidos com décadas de investimentos. É uma espécie de condenação do Brasil à condição de exportador de commodities e de importador de tecnologia.

No contexto atual, a situação da CAPES, do CNPq, da FINEP, do MCTIC, entre outras agências, é crítica. O sistema, vital para o país, não pode ser, de forma alguma, desmontado. A pesquisa de ponta é cara, exige tempo, necessita de capacitação. O problema é vê-la como custo. Não o é, é investimento.

O sistema das universidades públicas brasileiras é o mais importante da América Latina. O desmonte deste sistema terá um custo imensurável para o futuro. A falta de investimentos na pesquisa é, talvez, a mais grave forma de desestruturação de um sistema que, mesmo produzindo mais de 95% do conhecimento gerado no Brasil, começa a agonizar. O investimento público, como em todo mundo, é necessário.

O Brasil, diferentemente do propagado, em comparação com os países mais desenvolvidos, investe muito pouco. As instituições de ensino privadas, com raríssimas exceções, não produzem conhecimento. Como pano de fundo, temos a situação econômica do Brasil. Não podemos estar alheios a mesma.

Enfim, creio que as universidades necessitem, com urgência urgentíssima, de um aparato legal que as desengessem, libertem-nas das amarras a que estão submetidas e que possam avançar, com responsabilidade e segurança, no cumprimento do papel que lhes cabe. Tenho, pois, que, com mais flexibilidade legal, a UTFPR será muito mais protagonista.

As recentes ações políticas apontam para um aporte no ensino cada vez mais pautado na iniciativa privada. No seu ponto de vista, como compreende essas parcerias? Considera que podem trazer avanços qualitativos para a educação pública? Há ameaça à autonomia da universidade ao colocá-la a serviço de interesses de grupos privados?

Como já pontuei, vivemos um período cingido de alta complexidade. As universidades públicas foram transformadas numa espécie de problema da sociedade, gerando desdobramentos cujas consequências podem ser prejudiciais para o futuro do Brasil. Evidentemente que as universidades públicas têm problemas e precisam fazer sua autocrítica. Este é o complexo cenário atual. Neste cenário, o estado diminuirá de tamanho. É fato.

O modelo de universidade que conhecemos será modificado. Um problema presente é o utilitarismo, seja ideologicamente de esquerda ou de direita. As universidades tecnológicas, no mundo, têm grande proximidade com o setor produtivo, algo que pode, no contexto brasileiro, ser taxado como utilitarismos de direita. Não entendo as coisas assim.

Pensando nas principais universidades do mundo, e particularmente nas tecnológicas, a aproximação com a iniciativa privada não uma opção, é uma espécie de mão única. Creio que, com tal aproximação, haverá avanços importantes para as universidades, principalmente as de pesquisa. O governo brasileiro sistematicamente está sinalizando na constituição de um sistema com

dois tipos principais de universidades, as de pesquisa e as de ensino. O PrintCapex⁵ é um exemplo bastante claro do mencionado. O Brasil não consegue ter todas as suas universidades internacionalizadas e desenvolvendo pesquisa de ponta.

Quanto à autonomia, na prática, ela não existe, é, sim, mero artigo constitucional que não se aplica ao nosso cotidiano. A única autonomia efetiva que as universidades possuem é a didático-pedagógica, e, salvo casos isolados, não a usam. A universidade é uma das organizações que mais produzem inovação, mas, internamente, são altamente conservadoras. É imensa a resistência contra novos métodos de ensino, parcerias como o segmento produtivo, currículos mais flexíveis, a educação 4.0... enfim, com o novo, com o inovador. O artigo 207 da Constituição Cidadã, de 1988, nunca foi regulamentado. Uma proposta de uma lei orgânica das universidades está, sem o devido encaminhamento, na Câmara dos Deputados desde 2002. Junto com esta proposta, envolvendo as universidades, existem mais algumas dezenas de leis também sem serem pautadas naquela casa de leis.

Eu acredito na autonomia. As universidades estaduais paulistas têm a autonomia, e, não por acaso, são as melhores universidades do Brasil. Por outro lado, a autonomia exige muita responsabilidade. Agora, tenho certeza que muitos reitores não querem, por exemplo, a autonomia financeira, e não sem razão. Com o sistema de escolha de reitores vigente, tal autonomia pode ser um problema. Basta ver o que aconteceu com USP e Unicamp. As duas mais importantes universidades do Brasil, com os aumentos salariais concedidos aos seus servidores, tiveram seus orçamentos comprometidos em mais de 100% apenas com a folha. A situação está muito longe de ser simples.

Quase três anos à frente da gestão da UTFPR quais conquistas e resultados gostaria de destacar?

Antes de falar de conquistas e de resultados, gostaria de relatar o cenário adverso, que anseio seja temporário, no qual as Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) estão inseridas: desvalorização e depreciação midiática; contingenciamentos orçamentários; dificuldades na reposição/expansão do quadro de pessoal; inexistência de política remuneratória e de carreira dos servidores; falta de investimentos; limitações legais; limites impostos pelo teto de gastos; falta de uma lei orgânica das universidades; diminuição do estado brasileiro; forte ingerência dos órgãos de controle; entre outras questões importantes. O pano de fundo é a dramática situação econômica do Brasil. Apesar deste cenário, cingido de grande complexidade, alcançamos resultados significativos.

Assim, vislumbrando a busca da condição da classe mundial para a UTFPR, entendo que os resultados de ações estruturantes são os mais importantes. Considero a concepção, construção e aprovação, por nosso Conselho Universitário (COUNI), do novo Projeto Pedagógico Institucional (PPI), ocorrida nesta gestão, como o avanço institucional mais relevante desde a conquista da nossa transformação em universidade.

Nesse PPI, a UTFPR repensou seu futuro, e os traços contidos neste novo desenho apresentam convergência com o que é feito e o que há de melhor nas mais importantes universidades tecnológicas do mundo. Sabemos onde queremos

chegar. Adicionalmente, destaco alguns avanços, entre muitos, que classifico como os mais impactantes no cotidiano da UTFPR: a UTFPR Digital, com a implantação de sistemas como o SEI (Sistema Eletrônico de Informação), no qual tramitamos nossos processos com agilidade e sustentabilidade (eliminação do uso papel, do armazenamento físico e do descarte de resíduos); a integração dos sistemas da pós-graduação com o Repositório Institucional da UTFPR (RIUT); a BIBLIOTEC (biblioteca digital que disponibiliza centenas de milhões de publicações); a implantação, a partir do próximo ano, da Política de Licenciamento de Trabalhos de Conclusão de Curso, produzidos nos cursos de pós graduação *stricto sensu* da UTFPR, uma iniciativa inédita no país e que visa assegurar o acesso público, gratuito e aberto ao conhecimento gerado internamente e à proteção de direitos autorais e propriedade intelectual dos envolvidos; incrementos significativos em parcerias internacionais; a elaboração de normativos que conformam a ideia de programas multicâmpus e laboratórios multiusuários; a implantação de parques tecnológicos; a aprovação, junto ao CNPq, do Doutorado Acadêmico para a Inovação (DAI); os Fóruns para atualizações curriculares, convergindo com o que existe de mais atual no mundo; o crescimento exponencial de pedidos de proteção intelectual e o conseqüente reflexo nos rankings de inovação; a certificação CERNE das nossas incubadoras; o investimento institucional em programas nas áreas fins; os novos programas de mestrado e doutorado; o MEI-U (Metodologia de Ensino Inovador da UTFPR); o avanço nos ranqueamentos nacionais e internacionais; a adequação às novas legislações e modernização de nossa Fundação de Apoio; o programa Engenheiro 3i; o conceito 5 na avaliação institucional de Ensino a Distância (EaD); o conceito 5 na maioria dos cursos avaliados no período; a aprovação de projetos em vários editais; a instituição pública que oferta o maior número de vagas de engenharia no Brasil; os avanços significativos na área da sustentabilidade; o maior número de vagas na graduação no Sul do país e o quarto maior número de alunos equivalentes entre as universidades federais do Brasil. Ainda inserida nestas relevantes conquistas, nossa Instituição foi recentemente classificada pelo MEC, dentre as 63 universidades federais, como a detentora dos melhores indicadores em: (i) qualidade- avaliada pelos melhores resultados na formação de nível de graduação e pós graduação; e (ii) eficiência - avaliada pela relação custo-estudante.

Assim, apesar de não contemplar todos os demais avanços institucionais, estes resultados extremamente significativos, são os frutos colhidos com a dedicação e esforço da comunidade da UTFPR. E, mais que resultados, temos servidores e estudantes que fazem a diferença. Quando ouço: “ninguém no Brasil fez...”, minha resposta é sempre: “então vamos fazer na UTFPR”. Com as construções coletivas, de forma contínua e inexorável, estamos ganhando a condição de protagonista no cenário educacional brasileiro. Queremos, podemos e alcançaremos ainda mais.

Pensando no futuro, quais os desafios mais importantes da UTFPR?

O mais importante desafio é dar materialidade ao PPI. Temos um PPI ousado, inovador, alinhado às práticas das mais importantes jovens universidades tecnológicas do mundo. A concretização deste projeto supõe muito esforço, tal qual: redesenharmos a UTFPR; sermos conhecidos e reconhecidos no mundo (reputação); produzirmos mais conhecimento e com mais impacto; transferirmos

tecnologia; fortalecermos a identidade tecnológica; termos grupos de pesquisa equivalentes aos melhores do mundo (já temos, por exemplo, o Grupo do Petróleo em Curitiba, o de Eficiência Energética em Curitiba e Pato Branco, o automobilístico em Ponta Grossa, o de Cerâmicas em Londrina, o das Agrárias no Sudoeste, dentre muitos outros); nos transformarmos em uma universidade de pesquisa tecnológica; assumirmos o protagonismo na formação de engenheiros no Brasil; assumirmos o protagonismo na área de ensino de ciências, tecnologia com as licenciaturas; produzir cenários educacionais novos; e assim adiante.

Gostaria de acrescentar algo?

Sinto-me honrado com a missão de dirigir este estimável legado. Acredito no PPI da UTFPR. Acredito na universidade pública e gratuita. Acredito na autonomia universitária. Acredito no Brasil e nos brasileiros. Acredito na nossa comunidade acadêmica e acredito, a seguir neste caminho, que UTFPR alcançará conquistará a condição de uma universidade de classe mundial.

NOTAS

¹Instituto Tecnológico de Aeronáutica, uma instituição de ensino superior pública da Força Aérea Brasileira, vinculada ao Departamento de Ciência e Tecnologia Aeroespacial, localizado na cidade de São José dos Campos, São Paulo.

²Programa de desenvolvimento de projetos cooperativos de pesquisa universitárias em todas as especialidades de Engenharia, exclusivamente em nível de graduação, para fomentar o intercâmbio entre países e estimular a aproximação das estruturas curriculares, inclusive a equivalência e o reconhecimento mútuo de créditos e dupla diplomação.

³Em referência ao escritor Aldous Huxley, autor da obra Admirável Mundo Novo (1932).

⁴O modelo graduação TOM (*Twente Education Model*) da Universidade de Twente (Holanda) é um programa de ensino baseado em módulos e trabalho orientados por projetos, que abordam um problema do mundo real. Integrando a cultura científica e a prática. Além disso, o programa tem como foco a aprendizagem dirigida pelo aluno (SDL), garantindo que os alunos assumam o controle sobre seu próprio processo de aprendizagem. Em suma, o objetivo do programa é formar profissionais altamente qualificados, capazes de avaliar criticamente, aplicar conhecimentos científicos e construir conhecimentos. Para isso considera-se fundamental ao longo do período de formação que desenvolvam habilidade de pesquisa, construção (de ideias, de projetos, de conhecimento) e de organizadores. Atualmente há parcerias da Universidade de Twente com várias instituições brasileiras, como pode ser consultado na página da instituição no Brasil: <https://www.utwente.edu/brazil/>.

⁵Programa Institucional de Internacionalização – PrInt da CAPES. Trata-se de um programa que visa fomentar o desenvolvimento de planos estratégicos de internacionalização em busca da melhoria na qualidade dos cursos de pós-graduação nacionais, de modo a conferir maior visibilidade internacional à pesquisa científica realizada no Brasil. As ações envolvem a mobilidade de docentes e discentes, com ênfase em doutorandos, pós-doutorandos e docentes para o exterior e do exterior para o Brasil, com cooperação internacional de modo a desenvolver a internacionalização.

REFERÊNCIAS

PILATTI, Luiz Alberto. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [Brasília], 02 nov. 2019. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/4854832473320818>>. Acesso em: 27 nov. 2019.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

Recebido: 2019-12-02

Aprovado: 2019-12-02

DOI: 10.3895/rbect.v12n3.11352

Como citar: SILVA, S. C. R.; SOUZA, G. F. Perspectivas para a educação superior pública brasileira: entrevista com Prof. Dr. Luiz Alberto Pilatti. Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia, v. 12, n. 3, 2019. Disponível em:

<<https://periodicos.utfpr.edu.br/rbect/article/view/11352>>. Acesso em: xxx.

Correspondência: Graziela Ferreira de Souza - grazilasouza@alunos.utfpr.edu.br

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

